

A GESTÃO ESCOLAR E A FAMÍLIA NA MEDIAÇÃO DE CONFLITOS

SCHOOL MANAGEMENT AND THE FAMILY IN CONFLICT MEDIATION

Marissan Dablem

Secretaria Municipal de Educação de Ijuí, RS, Brasil

Deise Berton

Secretaria Municipal de Educação de Ijuí, RS, Brasil

DOI: <https://doi.org/10.46550/amormundi.v4i2.193>

Recebido em: 18.05.2023

Aceito em: 31.05.2023

Resumo: O artigo científico em questão tem o objetivo de compreender o papel da gestão escolar na mediação de conflitos nas escolas públicas. Além disso, busca compreender o que é mediação de conflitos; detectar os principais conflitos existentes nas escolas públicas; evidenciar o papel da gestão escolar nesse contexto e, também, conhecer mais profundamente o que diz a lei n.º 14.030 de 26/06/2012. Para atingir os objetivos propostos, a metodologia adotada, quanto aos fins, configura-se como uma pesquisa descritiva, porque descreve as características de determinado fenômeno (a evasão escolar), podendo também estabelecer correlações entre variáveis e definir sua natureza, não tendo o compromisso de explicar os fenômenos que descreve, embora sirva de base para tal explicação. E, quanto aos meios, a pesquisa se caracteriza como bibliográfica. Essa pesquisa bibliográfica foi desenvolvida com base em material publicado em livros, revistas e redes eletrônicas com material de domínio público. Os dados coletados foram analisados através da leitura e da pesquisa de diferentes teóricos que descrevem sobre as causas dos conflitos nas escolas e também, sobre o papel da gestão nesse contexto.

Palavras-chave: Gestão. Conflito. Mediação. Educação. Família.

Abstract: The scientific article in question aims to understand the role of school management in mediating conflicts in public schools. In addition, it seeks to understand what conflict mediation is; detect the main existing conflicts in public schools; to highlight the role of school management in this context and, also, to know more deeply what the law n.º 14.030 of 06/26/2012 says. In order to achieve the proposed objectives, the methodology adopted, in terms of purposes, is configured as a descriptive research, because it describes the characteristics of a certain phenomenon (school dropout), and can also establish correlations between variables and define its nature, not having the commitment to explain the phenomena it describes, although it serves as a basis for such an explanation. And, as for the means, the research is characterized as bibliographical. This bibliographic research was developed based on material published in books, magazines and electronic networks with material in the public domain. The collected data were analyzed through the reading and research of different theorists who describe the causes of conflicts in schools and also the role of management in this context.

Keywords: Management. Conflict. Mediation. Education. Family.



1 Introdução

Atualmente, a televisão, o rádio, jornais, a internet divulga diariamente casos de violência na escola. A violência hoje faz parte da vida diária da grande maioria das pessoas, porém, a violência entrou com força total os muros da escola. E como isso aconteceu em uma instituição que tem a função de educar?

Esta pergunta permeia a educação como um todo, povoando o universo de professores, gestores, alunos e pais. São esses os sujeitos envolvidos na educação, no cotidiano da escola e que também precisam da resposta a essa pergunta.

A questão que envolve a violência escolar vem provocando muitas indagações a respeito do papel da escola nesse contexto. Sendo assim, essa pesquisa tem como principal objetivo descrever sobre a importância do coordenador pedagógico na mediação de conflitos dentro da escola.

É consenso que se vive uma época em que os conflitos estão presentes nas relações humanas. A violência, o bullying, a discriminação, o preconceito, mostram o quanto as relações humanas estão fragilizadas. Esse cenário repete-se no interior da escola, com os seus sujeitos.

Um ambiente que deveria ser de aprendizagem de construção de conhecimento, de interação e cidadania acaba por ter que lidar com conflitos que não deveriam fazer parte do universo escolar. Isso porque se pensa a escola, enquanto instituição do conhecimento, se pensa também no bem-estar e na convivência pacífica entre seus sujeitos. Não se pode fugir do ideal de uma vivência democrática e de solidariedade.

No entanto, sabe-se que a realidade posta não é essa. O tema em questão configura-se como atual e urgente. Atual e urgente porque é algo que está presente no dia a dia da escola e precisa ser avaliado e repensado de forma clara e objetiva, sem subterfúgios ou meias verdades. Além disso, é um tema que deve ser discutido por todos os atores que compõem o contexto escolar.

Dessa forma, o problema da pesquisa desenvolvida centra-se nas seguintes questões: de que forma a gestão escolar pode mediar os conflitos nas escolas? O que são conflitos? Como é a escola contemporânea? Quais são as políticas de estado que visam assegurar a mediação de conflitos nas escolas públicas?

Salienta-se que as perguntas propostas para esse trabalho de pesquisa servem como norte na elaboração do artigo apresentado, justificando a relevância do tema proposto, relacionando-se intrinsecamente com a área das Ciências Sociais. Isso porque a violência escolar tem enraizamento profundo que vai muito além do que está posto. Muitas vezes essa violência não é explícita, mas invisível aos olhos. É preciso que os profissionais da área da educação saibam da importância de se estudar o tema, bem como suas implicações, características, conceitos e expressões, livres de preconceitos.

Para isso, destaca-se a necessidade do envolvimento de toda a escola na questão da violência para que as ações de combate possam alcançar diretamente o todo o ambiente escolar, como também tenha reflexo na comunidade em que a escola está inserida, bem como na sociedade como um todo.

É importante ter em mente que a escola contemporânea não pode mais se fechar em ações isoladas, ignorando acontecimentos que vão além dos muros da escola. Até porque a escola

traduz em seu trabalho o reflexo da sociedade, com contradições e dilemas. Refletir sobre isso não é mais uma mera ação isolada, é uma necessidade urgente.

2 Aportes teóricos

2.1 A escola contemporânea

De acordo com Travi e outros (2009), “a escola contemporânea se vê diante das transformações da sociedade, obrigando-a a buscar novos posicionamentos”. Ou seja, as velhas práticas, as ferramentas defasadas e as metodologias ultrapassadas deixaram de ser suficientes para compor o atual cenário da educação.

Conforme Travi e outros (2009), é necessário levar em consideração que as informações são hoje rápidas e acessíveis quase que instantaneamente. Os estudantes estão cada vez mais protagonistas de seu aprendizado. As tecnologias educacionais revolucionam diariamente a forma de ensinar e aprender. Essa é a escola contemporânea que se tem.

Nesse contexto é preciso lembrar que fora dos muros da escola, muitas vezes o mundo configura-se como algo atrativo. Bem mais atrativo que a sala de aula. O mundo fora da escola convida o aluno a fazer muitas descobertas. E essas descobertas nem sempre são positivas. Nesse viés, buscar tornar a experiência em sala de aula interessante é algo realmente desafiador, porém, não é impossível.

Carvalho (2010) aponta que a escola contemporânea exige estratégias diferentes na forma de ensinar. É preciso lembrar que existe um mundo de possibilidades para este aluno, cabe à escola, ao professor tentar, de alguma forma, fazer com esse aluno também tenha condições de permanecer em sala de aula, frequentando a escola. E não se fala apenas no uso das novas tecnologias. A criatividade pode e deve colorir os muros de dentro da escola e dar um significado diferente ao processo de ensino-aprendizado através de projetos diferentes, interdisciplinaridade e aulas mais dinâmicas e interativas.

Essa prática visa possibilitar ao aluno um novo olhar sobre a escola. E com esse novo olhar, a evasão (que é um dos problemas enfrentados pela escola atualmente, juntamente com a questão da violência), pode ser combatido.

2.2 A violência nas escolas na atualidade

Conforme Pellegrini (2010), a violência nas escolas contemporâneas é uma realidade vivida por muitos professores, alunos, gestores, comunidade escolar como um todo. Existe hoje o que se passou a chamar da “cultura da violência”.

De acordo com Chauí (1994), o vocábulo “cultura” vem do latim “colere” e significa “cultivar”. Em linhas gerais, cultura é tudo aquilo que envolve o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões que os seres adquirem em família, na escola, no trabalho, nos grupos sociais.

Segue a referida autora afirmando que cada país tem a sua própria cultura e que pode ser influenciada por vários fatores. Por exemplo, a cultura brasileira é vista como aquela marcada pela boa disposição e alegria, e isso se reflete também na música, nas roupas, nos costumes, na hospitalidade dos brasileiros espalhados pelo Brasil.

Chauí (1994) também aponta que cultura pode ser também, a herança social da humanidade ou ainda de forma específica, uma determinada variedade da herança social. A principal característica da cultura é que ela possui um mecanismo de adaptação. Ou seja, são os indivíduos que precisam dar respostas ao meio em que vivem, levando em consideração seus hábitos e costumes.

Por outro lado, a cultura também possui um caráter cumulativo. Isso porque todas as modificações culturais de determinado lugar ou de determinado grupo de pessoas ao mudar, não deixa se perder essas modificações. As mudanças acontecem de geração a geração. Isso mostra que a cultura é um conceito que está sempre se desenvolvendo, pois com o passar do tempo ela é influenciada por novas maneiras de pensar do ser humano (CHAUI, 1994).

Relacionando essas informações com a realidade da escola, pode-se afirmar que esse é um ambiente profícuo para que a cultura se desenvolva, cresça e se dissemine. No entanto, é preciso que a escola e seus atores estejam abertos a isso.

A Escola como instituição hoje tem a suma importância de atuar junto a crianças e adolescentes, constituindo-se dessa forma como um espaço privilegiado para que possa abordar e transmitir conhecimentos que possibilitem o crescimento e o conhecimento intelectual e psicológico de seus alunos.

De certa forma, a comunidade em geral, englobando pais e mães, também podem e devem atuar nesse processo educacional. No entanto, muitas vezes pais e mães acabam transferindo para a escola, e particularmente para os professores, essa responsabilidade bem como a tarefa de orientar seus filhos em diversos outros aspectos.

Enquanto professores, também há certo temor em abordar questões específicas como preconceito, violência, drogas, junto aos alunos. As ações desenvolvidas pela escola buscam a valorização e a melhoria da qualidade de vida englobando a prevenção, orientação, estímulo. No entanto, muitas ações poderiam ser realizadas se houvesse mais parceria entre família e escola, contribuindo de fato para a formação de cidadãos saudáveis e conscientes de sua cidadania.

Sendo assim, se tema mais absoluta certeza que o relacionamento entre a escola, alunos e família é de fundamental importância. Estes precisam estar sempre juntos para que se possam ter resultados positivos, seja na educação formal, seja no desenvolvimento pessoal e profissional.

Isso porque sempre se deve ter presente que educar não é apenas transmitir conhecimentos. Educar é, antes de qualquer coisa, informar, acompanhar, orientar, canalizar bons exemplos, enfim, é estar junto. Pais, alunos e professores precisam estar atentos a isso. Resumindo, quanto mais próximos à escola e o professor estiverem dos alunos, mais e melhores serão os resultados.

Pensando nisso, o Estado do Rio Grande do Sul, no ano de 2015 trouxe novamente à discussão a Lei n.º 14.030 de 26/06/2012, a qual “dispõe sobre as Comissões Internas de Prevenção de Acidentes e Violência Escolar – CIPAVE – no âmbito da rede de ensino público estadual do Rio Grande do Sul”.

A partir dessa lei todas as escolas estaduais deverão possuir uma comissão interna de

prevenção de acidentes e situações de violência dentro da instituição. Essas comissões podem atuar na mediação de conflitos dentro da escola. E deve ser composta por profissionais que atuam na escola.

De acordo com a referida lei, em seu artigo terceiro, “a CIPAVE será composta por representantes dos alunos, pais, professores, direção da escola e funcionários, respeitada a pluralidade, estando previsto um suplente para cada um dos titulares” (Lei n.º 14.030, art. 3).

Compete a essa comissão, conforme descrito no artigo segundo:

Art. 2.º Compete às Comissões instituídas por esta Lei: I - identificar os locais de risco de acidentes e violências ocorridos no âmbito escolar e arredores, fazendo mapeamento dos mesmos; II - definir a frequência e a gravidade dos acidentes e violências ocorridos na comunidade escolar; III - averiguar circunstâncias e causas de acidentes e violência na escola; IV - planejar e recomendar medidas de prevenção dos acidentes e violências e acompanhar a sua execução; V - estimular o interesse em segurança na comunidade escolar; VI - colaborar com a fiscalização e observância dos regulamentos e instruções relativas à limpeza e à conservação do prédio, das instalações e dos equipamentos; VII - realizar, semestralmente, estudo estatístico dos acidentes e violências ocorridos no ambiente escolar, divulgando-o na comunidade e comunicando-o às autoridades competentes.

É importante destacar que no que se refere à mediação de conflitos nas escolas, os sujeitos envolvidos no conflito conservam seu poder de decisão e cabe ao mediador facilitar o entendimento entre eles. Por isso é necessário que quem atua na mediação de conflitos esteja preparado para atuar com objetividade e com capacidade de discernimento, pois o conflito existe e ambas partes acreditam estar com a razão. Lembrando que o mediador não é aquele que dá a resposta ao conflito, não pune. Ele aponta caminhos possíveis para a cultura da paz, tornando vítima e agressor em sujeitos protagonistas do processo de mediação.

Além disso, os acordos propostos pela mediação de conflitos nas escolas podem possibilitar o diálogo entre os sujeitos tidos como vítima e agressor. Empoderando a vítima e responsabilizando o agressor, mas em um processo de equidade, igualdade, onde há o reconhecimento das necessidades e sentimentos de cada um. Como também, a reparação material ou simbólica da vítima, através da responsabilização do agressor. Isso é imprescindível para que se perceba que a violência não é o melhor caminho para a resolução dos conflitos.

As práticas restaurativas desenvolvidas nas mediações de conflitos são processo formas e informais. Esses processos, de acordo com a autora, respondem a infração e precede a infração, construindo proativamente relações e senso de comunidade para prevenir outros atos de violência.

Pena (2008, p. 01) disserta que as práticas restaurativas surgiram no Brasil durante a realização do 1º Fórum Social Mundial, realizado em Porto Alegre em 2001, na cidade de Porto Alegre. Nesse evento foram debatidos quatro temas: a) a produção de riquezas e a reprodução social; b) o acesso às riquezas e à sustentabilidade; c) a afirmação da sociedade civil e dos espaços públicos e d) poder político e ética na nova sociedade. Dentro desses temas surge a proposta da justiça para todos no século XXI.

É importante mencionar que as concepções fundamentais das práticas restaurativas abordadas por Chauí (2004, p. 37), estão pautadas nas oportunidades de aprendizagem que o conflito gera; na vivência de valores como respeito, honestidade, humildade, responsabilidade, empatia, empoderamento e esperança; e, também, na construção de uma disciplina social que

vida restaurar o convívio saudável através de ações inclusivas e colaborativas. A partir disso pode-se vislumbrar um caminho para a mediação de conflitos nas escolas. Caminho esse que deve ser trilhado por todos os sujeitos que fazem parte da escola. Ao invés da “cultura da violência” nas escolas é preciso instaurar a “cultura da paz”.

2.3 O papel da família na educação

De acordo com o Dicionário Aurélio (2022), a palavra “família” significa:

Sf (lat família) 1 Conjunto de pessoas, em geral ligadas por laços de parentesco, que vivem sob o mesmo teto, particularmente o pai, a mãe e os filhos. 2 Conjunto de ascendentes, descendentes, colaterais e afins de uma linhagem ou provenientes de um mesmo tronco; estirpe. 3 Pessoas do mesmo sangue ou não, ligadas entre si por casamento, filiação, ou mesmo adoção, que vivem ou não em comum; parentes, parentela. 4 Grupo de pessoas unidas por convicções, interesses ou origem comuns (...).

De acordo com Mota, Rocha e Mota (2010), existem novas espécies de família como substituta, alternativa, moderna, extensa e ampliada, sócio afetiva entre outras.

Mesmo com tantas novas organizações familiares, a família representa o seu primeiro momento de afirmação enquanto ser humano. Lima (2010, p. 05) considera que “a natureza das relações interpessoais é o fator chave para o desenvolvimento da criança nas famílias, independente da estrutura familiar”. Ou seja, não importa o arranjo familiar, o que importa é que essa família seja presente na vida de qualquer ser humano, desde a mais tenra idade.

Lima (2010), assegura que é na família que se pode vivenciar a primeira fonte de amor e contato de vida. É na família que toda criança aprende a se humanizar e a viver intensamente esse sentimento, que os pais transmitem aos filhos e às gerações seguintes.

No contexto do trabalho de pesquisa apresentado, pode-se dizer que a escola é uma grande parceira da família ou a família é a grande parceira da escola. Tanto faz a ordem em que se coloquem as palavras nessa frase, pois o mais importante é que ambas cumpram com seu papel de educador. A família dando os primeiros (e constantes) ensinamentos e a escola aprimorando esses ensinamentos através do conhecimento.

Lima (2010), comenta que tanto a família quanto a escola devem possibilitar relações embasadas no afeto e no pertencimento e cada uma desempenhando o seu papel em sintonia.

A autora afirma:

A família tem o papel de acolher a criança e promover individuação e pertencimento. No convívio diário, nas conversas, na forma de proceder diante das rotinas do dia a dia é que a criança compreende os mitos, as crenças, os ritos de sua família, assim como a forma deles de viver e conviver. A escola tem o papel de socializar o conhecimento e as relações. Ela precisa promover um espaço educativo propícios aos riscos de acertar e errar, de levantar hipóteses, de discorrer o pensamento, enfim um espaço de aprendizagem. Esse contexto é individual e coletivo, é solitário e participativo (LIMA, 2010, p. 08).

É importante destacar na fala de Lima (2010), que ambas (escola e família) possuem papéis distintos, porém que se inter cruzam no processo de ensino-aprendizagem do aluno. Esses papéis devem ser desempenhando com o intuito de levar à criança ao verdadeiro aprendizado

dentro e fora da escola. De maneira que dentro da escola ela esteja tão bem alicerçada como se estivesse fora da escola.

Lima (2010, p. 09-10) reafirma:

O lugar da família está em contribuir com amor e desprendimento, a cada momento, na construção de um ser independente, criativo, livre (capaz de fazer escolhas), justo e feliz, dando prioridade à comunicação estabelecida na família através de um diálogo aberto a questionamentos e às mudanças. O lugar da escola está em educar para a democracia no sentido da construção de um ser reflexivo, crítico, criativo, garantindo a aprendizagem dos conhecimentos necessários para a vida em sociedade, contribuindo no processo de inserção social das novas gerações.

Dessa forma, o papel da família e o papel da escola complementam-se na construção de um ser humano mais participativo e mais consciente do seu lugar, tanto na família quanto na escola. Além disso, o trabalho desenvolvido concomitantemente pela escola e pela família pode auxiliar na diminuição do fracasso escolar e também da evasão. Se trabalhado de forma interativa e participativa, visando o sucesso do aluno é possível que os índices de evasão diminuam e os conflitos na escola possam ser resolvidos de uma forma tranquila e objetiva.

No que se refere aos conflitos escolares, é importante salientar que culpar somente a escola, o aluno ou a família, não é um caminho coerente. Na verdade, esse caminho apenas reduz a responsabilidade de um ou de outro. É preciso ter em mente que escola, o aluno e a família compõem a tríade para o sucesso escolar e são peças fundamentais na educação, juntamente com aspectos culturais, sociais e pedagógicos que envolvem a criança que está na escola e tem na família o seu suporte.

As experiências mostram que as escolas que estão melhorando seus índices são aquelas em que há a efetiva participação dos pais na vida escolar de seus filhos, apoiando, cobrando na hora certa e de maneira competente, assumindo, reconhecendo e aplaudindo erros e acertos.

2.4 A gestão escolar na mediação de conflitos

Há bem pouco tempo atrás dirigir uma escola era considerado uma tarefa fácil, rotineira, tranquila e estável. Cabia apenas ao diretor zelar pelo bom funcionamento da escola, centralizando para si todas as decisões, além de administrar e supervisionar o trabalho dos demais.

Atualmente, essa situação mudou. As grandes e contínuas transformações sociais, científicas e tecnológicas passaram a exigir um novo modelo de escola e um novo modelo de todos os sujeitos envolvidos com essa instituição. Dentro desse contexto surge o Gestor Escolar, com o intuito de ser o elo entre a escola e a comunidade escolar como um todo.

O papel do Gestor Escolar nesse meio é tão importante para a escola, quanto o aluno frequentando-a. Sendo que o papel do Gestor está centrado, principalmente, no trabalho com pessoas. Pode até ser considerado a alma da escola com o poder de animar, alimentar e fortalecer a cooperação e a sinergia entre todos os envolvidos com o processo de ensino e aprendizagem.

Na questão que envolve a mediação de conflitos, é tarefa do gestor e da sua equipe gestora criar propósitos comuns a fim de fortalecer uma cultura que estimula o diálogo e a reflexão diária entre a teoria e a prática, envolvendo a capacidade de dominar conceitos e habilidades específicas

com o objetivo de alimentar a alma da escola.

Os conflitos escolares ferem a alma da escola. Para a autora citada, os conflitos são problemas complexos e se relacionam com outros importantes temas como avaliação, reprovação escolar, disciplinas escolares, desestruturação familiar, entre outras causas (DUARTES, 2006).

Quando se falar em alimentar a alma da escola é preciso levar em consideração que se exige também além das especificidades da Gestão Escolar, a inteligência verbal, a inteligência interpessoal e a inteligência intrapessoal. Essas qualidades tem a intenção de levar em conta não apenas as regras impostas, mas também, de levar em consideração os sentimentos e as preocupações das pessoas envolvidas no processo educativo. Escola é vida. E precisa estar viva para que o aluno tenha prazer em estar nesse espaço da forma mais saudável possível. Convivendo com seus pares em harmonia (DUARTES, 2006).

O papel do gestor na escola, frente ao problema de conflitos escolares, é estar atento e ser um bom ouvinte. Escutar ideias, escutar corações, conhecer expectativas, estar sintonizado com as aspirações de cada aluno, sentindo seus desejos e emoções. Assegura que é necessário que o gestor escolar planeje e possa articular ações com os demais segmentos da escola como forma de possibilitar a permanência do aluno em sala de aula, evitando assim, os conflitos que possam resultar em problemas maiores (VASCONCELLOS, 2006).

Duartes (2006) ainda assegura que para combater os conflitos, portanto, é preciso atacar em duas frentes: uma de ação imediata que busca resgatar o aluno “agressor”, e outra de reestruturação interna que implica na discussão e avaliação das diversas questões enumeradas acima.

E na atuação dessas duas frentes o papel da gestão escolar é extremamente importante. Até porque na questão que envolve a mediação de conflitos não existe um culpado, existem causas que devem ser buscadas e sanadas por todos e o gestor, juntamente com a sua equipe, pode ser o elo de mudança nesse cenário que se tem hoje nas escolas.

3 Conclusão

Após a conclusão do trabalho apresentado é importante fazer algumas considerações, como forma de sistematização do que foi visto até aqui. Destaca-se que esse trabalho não tem a intenção de esgotar um assunto, mas sim, de provocar novas discussões sobre o tema que envolve a mediação de conflitos na escola e a supervisão da escola.

Primeiramente, é possível afirmar que a Escola como instituição hoje tem a suma importância de atuar junto a crianças e adolescentes, constituindo-se dessa forma como um espaço privilegiado para que possa abordar e transmitir conhecimentos que possibilitem o crescimento e o conhecimento intelectual e psicológico de seus alunos. Além disso, tem a intenção de fazer com que esses sujeitos permaneçam na escola durante o período da escolarização, sempre apostando em condutas harmoniosas.

De certa forma, a comunidade em geral, englobando pais e mães, também podem e devem atuar nesse processo educacional. Observou-se, na realização do trabalho, que muitas vezes, pais e mães acabam transferindo para a escola, e particularmente para os professores, essa responsabilidade bem como a tarefa de orientar seus filhos em diversos outros aspectos.

Enquanto professores, também há certo temor em abordar questões específicas como preconceito, violência, drogas, junto aos alunos. As ações desenvolvidas pela escola buscam a valorização e a melhoria da qualidade de vida englobando a prevenção, orientação, supervisão e estímulo. No entanto, muitas ações poderiam ser realizadas se houvesse mais parceria entre família e escola, contribuindo de fato para a formação de cidadãos saudáveis e conscientes de sua cidadania.

Sendo assim, temos a mais absoluta certeza que o relacionamento entre a escola, alunos e família é de fundamental importância na permanência do aluno em sala de aula, e também com um número mínimo de conflitos existindo na escola. Estes precisam estar sempre juntos para que se possam ter resultados positivos, seja na educação formal, seja no desenvolvimento pessoal e profissional.

Isso porque sempre se deve ter presente que educar não é apenas transmitir conhecimentos. Educar é, antes de qualquer coisa, informar, acompanhar, orientar, canalizar bons exemplos, enfim, é estar junto. Pais, alunos e professores precisam estar atentos a isso. Resumindo, quanto mais próximos estivermos de nossos alunos, mais e melhores serão os resultados, principalmente frente ao problema da violência escolar.

Referências

- ALARCÃO, Isabel. *Supervisão escolar: princípios e práticas*. 3.ed. Campinas: Papirus, 2002.
- ARROYO, M. *Revendendo os vínculos entre trabalho e educação: elementos materiais da formação humana*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Lei 8.069/90. Brasília, 1998.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei 9394/96. Brasília, 1996.
- CHAUI, Marilena. Cultura e democracia. In: *Crítica y emancipación: Revista latino-americana de Ciências Sociais*. Año 1, no. 1 (jun. 2008-). Buenos Aires: CLACSO, 2008- ISSN 1999-8104.
Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf>>. Acesso em mai. /2023.
- DUARTES, Luci Beatriz. *Combatendo a evasão escolar*. Disponível em: <<http://novo.fpabrao.org.br/content/combateando-evacao-escolar>> Acesso em Mai./2023.
- ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL. *Lei n.º 14.030 de 26/06/2012*. Disponível em: <<https://cipave.rs.gov.br/upload/arquivos/201611/01142628-lei-cipave.pdf>> Acesso em Mai./2023.
- FERREIRA, Naura. *Supervisão educacional para uma escola de qualidade*. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- FREIRE, Paulo. *Teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes, 2001.
- HOLANDA, Aurélio B. *Dicionário da Língua Portuguesa*. 2022.

-
- LIBÂNEO, José Carlos. *Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos*. 6.ed. São Paulo: Loyola. 1984.
- LIMA, Líliliana. *Interação Família-Escola: Papel da família no processo ensinoaprendizagem*. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2009-8.pdf>>. Acesso em mai. /2023.
- MOTA, T.; ROCHA, R.; MOTA, G. *Família: considerações gerais e historicidade no âmbito jurídico*. Disponível em: <http://www.ambitojuridico.com.br/site/index.php?n_link=revista_artigos_leitura&artigo_id=8845>. Acesso em mai. /2023.
- PELLEGRINI, Luís. *Violência nas escolas: ela reproduz as loucuras da nossa sociedade*. Disponível em: <http://www.brasil247.com/pt/247/revista_oasis/140608/Viol%C3%AAncia-nas-escolas-ela-reproduz-as-loucuras-da-nossa-sociedade.htm>. Acesso em mai. /2023.
- RANGEL, Mary. *Supervisão escolar: princípios e práticas*. 3.ed. Campinas: papiros, 2002.
- ROSA, Clóvis. *Gestão estratégica escolar*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2005.
- SAVIANI, Demerval. *Educação brasileira: estrutura e sistema*. 8 ed. São Paulo: Autores Associados, 2000.
- TRAVI, Marilene Gonzaga Gomes; MENEGOTTO, Lisiane Machado de Oliveira; SANTOS, Geraldine Alves dos. *A escola contemporânea*. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862009000300010>. Acesso em mai. /2023.
- VASCONCELLOS, C.S. *Planejamento: um projeto educativo*. São Paulo: Libertad, 2005.